



**CENTRO DE HUMANIDADES, CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARCILENE DE SOUZA LIMA

**O TEATRO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA O
ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS NO 9º
ANO, EM SERRA DE SÃO BENTO/RN**

GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013

MARCILENE DE SOUZA LIMA

**O TEATRO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO PARA O
ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS NO 9º
ANO, EM SERRA DE SÃO BENTO/RN**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras,
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus
III, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L256t Lima, Marcilene de Souza

O teatro como instrumento metodológico para o ensino de literatura na escola: experiências no 9º ano, em Serra de São Bento/RN / Marcilene de Souza Lima. – Guarabira: UEPB, 2013.

25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Profª. Ma. Monaliza Rios Silva.

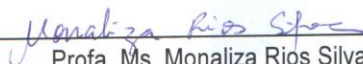
1. Ensino de Literatura 2. Método Criativo 3. Teatro. I.
Título.

22.ed. CDD 410

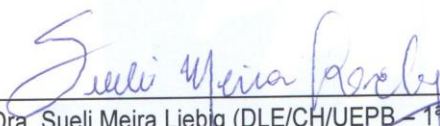
FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo "O Teatro como Instrumento Metodológico para o Ensino de Literatura na Escola: experiências no 9º ano, em Serra de São Bento/RN", da autora **Marcilene de Souza Lima**, foi apresentado no dia 26/08/2013, obtendo a nota: 10,0 (DEZ).

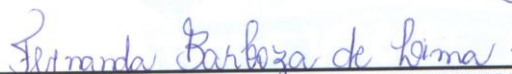
BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB – Orientadora)



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB – 1ª Examinadora)



Profa. Ms. Fernanda Barboza de Lima (DLE/CH/UEPB – 2ª Examinadora)

GUARABIRA – PB
AGOSTO DE 2013

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela vida.

Aos **meus pais**, pela força e amor incondicionais.

Aos **meus professores** pelos ensinamentos.

À minha orientadora **Monaliza Rios Silva** pela ajuda na realização desse trabalho.

RESUMO

Este artigo faz um relato de uma experiência de Ensino de Literatura, com o uso do teatro como instrumento metodológico em duas turmas de 9ºAno, em duas escolas públicas de Serra de São Bento/RN, no ano de 2012. Trata-se de um projeto desenvolvido com o objetivo principal de propiciar aos estudantes oportunidades de aprender com a Literatura, formando leitores autônomos. Para tanto, no primeiro momento, utilizei a contribuição de Osakabe (2004), Silva (1995), Matta (2009), Bordini; Aguiar (1989), London (1999) para ajudar na discussão sobre Literatura e Ensino. No segundo momento, trouxe os pensamentos de Cosson (2010), Vygotsky (2004), Japiassu (2008), Tiba (2005), Courtney (1990) e Bordini; Aguiar (1989) sobre o teatro e suas vantagens no Ensino de Literatura. Além disso, junto ao relato de experiência, vieram os pensamentos de Maia (2007), Lajolo (1991), Solé (1998), Freire (1996) e Bragatto Filho (1995). A turma do 9º ano “A” apresentou o desfile de *O Cortiço*, adaptação do Romance Naturalista de igual título do autor Aluísio Azevedo e a turma do 9º ano “U”, *A Moreninha*, baseado no Romance Romântico de mesmo nome de Joaquim Manoel de Macedo.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Método Criativo. Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

As Artes sempre estiveram presentes nas vidas das pessoas. Desde a pré-história, o homem se comunica com sinais sonoros, gestos e desenhos. O tempo passou e o ser humano conseguiu se comunicar através das diferentes linguagens, inclusive com a fala.

Por muito tempo, pensou-se no Ensino de Literatura fragmentado em que os estudantes, na maioria das vezes, liam textos e respondiam a exercícios. Não dizendo que isso não seja necessário, mas, nós professores, precisamos criar possibilidades para que nossos alunos se desenvolvam como leitores autônomos. Segundo Vigotsky (2004), pela interação social a criança tem acesso aos modos de pensar e agir no meio onde vive. Assim, a ação do meio sobre o adolescente e seu desenvolvimento ajuda no processo de percepção e compreensão da realidade. Vigotsky, ao discorrer sobre o comportamento humano, afirma:

Reconhecer a total impregnação social da nossa experiência de modo algum significa reconhecer o homem como um autômato e negar-lhe qualquer importância. Por isso a fórmula já referida, que se propõe prever o comportamento do homem com precisão matemática e libertá-lo das reações hereditárias do organismo e de todas as influências do meio, erra em um momento essencial: ela não leva em conta a infinita complexidade da luta que se desenvolve no interior do organismo e nunca permite que se calcule e se liberte de antemão o comportamento do homem, que nunca se manifesta senão no desfecho dessa luta. O meio não é algo absoluto, exterior ao homem. Não se consegue nem sequer definir onde terminam as influências do meio e começam as influências do próprio corpo (VYGOTSKY, 2004, p. 71).

Importante enfatizar que as leituras sejam feitas com liberdade de expressão, que nossos discentes possam falar com autonomia sobre o que pensam das obras que leem. Pensando nisso, desenvolvi, junto com os alunos do 9º Ano “A” da Escola Estadual Professor Joaquim Torres e do 9º Ano “U”, da Escola Municipal Estudante Maria Auxiliadora, no ano de 2012, um projeto sobre Teatro no Ensino de Literatura. O teatro é uma linguagem artística que

ajuda no uso da linguagem oral de maneira especial e destaca a interação social e a ação dos próprios componentes, incentiva o desenvolvimento da imaginação.

1- LITERATURA E ENSINO

Pensar a Educação enquanto linguagem é pensar, portanto, a Educação enquanto processo constitutivo (de) e constituído (por) sujeitos. E, como tal, como um processo que tem a densidade, a precariedade e a singularidade do acontecimento. Daí que não se pode pensar num processo educacional consistente sem admiti-lo como tenso, instaurado sobre a singularidade dos sujeitos em contínua constituição e sobre a precariedade da própria temporalidade que o específico do momento implica (OSAKABE, 2004, p. 8.).

A Educação, vista sob o ponto da linguagem, como processo de interlocução, passa por mudanças, pois dispõe o sujeito numa relação (não no lugar-comum) singular com as condições de sua realização. Assim, a linguagem assume a naturalidade de todo o enunciado que, alheando-se às condições de sua emergência, guarda com elas uma relação fraca.

Segundo Osakabe (2004, p.9), muito pouco tem a ensinar a escola pública atual aos cidadãos das camadas populares nas exigências linguísticas mais imediatas, na intimidade de suas relações mais próximas.

A escola encontra muitas dificuldades para a superação dos problemas educacionais. Muitas vezes, tenta fazer o papel de ensinar e o de educar ao mesmo tempo. Na maioria dos casos, os pais não participam da vida escolar de seus filhos. Não podemos esquecer que, com o advento do computador – e com esse as redes sociais, como o *facebook*, o *twitter* – os alunos muitas vezes os usam nos momentos das aulas e, em alguns casos, postam que a aula está chata.

No entanto, ela (escola) pode vir a cumprir, enquanto instituição popular, um papel quase insubstituível na formação dos sujeitos, desde que abandone radicalmente duas de suas tendências contemporâneas: a primeira, aquela estigmatizante, que, cristalizando tensões e diferenças, busca a todo custo como resultado e padronização e, conseqüentemente, o

estereótipo. A segunda, talvez mais grave, aquela burocratizante, que vê na panacéia das estratégias curriculares e pedagógicas a solução para problemas de natureza, como vimos, substancial e ética (OSAKABE, 2004, p.9).

Muitas vezes, os professores buscam, em suas avaliações, como resultados, que seus alunos fiquem no mesmo nível, ou seja, que o aprendizado seja da mesma maneira para todos. Não podemos esquecer que cada pessoa aprende no seu próprio tempo. A escola pode entrar nesse momento como o lugar familiar onde se ajuda ao acesso à literatura, não como somente obrigação, mas prazer de se encontrar nos livros lidos, como forma de se envolver na interação da linguagem. Por outro lado, Silva, argumenta que muitas escolas não conseguem ainda formarem leitores autônomos.

Para Silva (1995) na escola (e sociedade) existe uma tendência, muitas vezes, de sacralizar a noção de leitura como um ócio descompromissado, desligado do trabalho produtivo, que aconselha leitores ocultos.

É importante destacar que as experiências leitoras dos estudantes precisam ser valorizadas e estimular novas leituras que permitam ampliar o mundo de seus repertórios de textos. Esse ponto é imprescindível, se quisermos, realmente, ajudar a formar leitores crítico-reflexivos. Dar diferentes livros, estimular leituras diferentes, trabalhar várias atividades em sala de aula com variados gêneros textuais é, de fato, necessário. Não podemos obrigá-los a ler em seus momentos de diversão (recreio) aquilo que achamos melhor, pode ser ruim no trabalho com os leitores.

1.1 – Qual o conceito de linguagem nesta pesquisa?

Para Matta (2009), a linguagem é a mais antiga das concepções, muito presente entre nós. Segundo ela, o homem representa para si o mundo através da linguagem. Representar significa pensar e, desse modo, a língua é a expressão do pensamento e o conhecimento de mundo que o homem tem. Vale ressaltar que o sujeito da linguagem corresponde à linguagem do sujeito.

O autor citado fala de um sujeito decidido pelo ego que constrói uma representação da mente.

A linguagem é instrumento da comunicação: por meio dessa concepção, a língua é vista apenas como um código (conjunto de signos que se combinam de acordo com regras) e que possibilita a transmissão ao receptor de uma determinada mensagem (informações). Há apenas uma possibilidade de entender a mensagem - aquela dada pelo autor (emissor). Assim, o que se diz fala por si e cabe ao receptor (destinatário) entender e assimilar (MATTA, 2009, p. 15).

A pessoa que fala tem em sua mente uma mensagem para passar a um ouvinte, isto é, informações que deseja que cheguem ao outro. Para realizar isso, ele coloca-a em código e envia-a para outro através de um canal. O outro recebe os pontos codificados e transforma-os novamente em mensagem.

Matta (2009) ainda diz que o indivíduo emprega a linguagem não só para expressar o pensamento ou para transmitir informações para um outro indivíduo. Antes, a linguagem é o lugar de ação ou interação.

Assim, a linguagem é observada como uma tarefa, como maneira de ação que constitui e é formada pelos sujeitos. É notável que as línguas só existam para promover a interação entre as pessoas, de forma funcional e de acordo com o contexto. Bordini e Aguiar defendem que a linguagem é o ponto de partida para que o homem se comunique com o outro.

Temos que considerar a opinião de Bordini; Aguiar (1988, p. 9).

É através da linguagem que o homem se reconhece como humano, pois pode se comunicar com os outros homens e trocar experiências. Existe, porém, uma condição prévia para a manifestação da linguagem: é preciso haver um grupo humano, no qual o sujeito se confronte com o conjunto e se perceba como indivíduo. É, portanto, na convivência social que nascem as linguagens, conforme as necessidades de intercâmbio

Bordini; Aguiar (1988) estão se referindo às necessidades de interação em grupo. Casos de crianças que se isolaram do contato humano mostram que elas não desenvolvem a fala, mas conseguem fazê-lo quando passam a

conviver com outras pessoas. Como são os casos das irmãs indianas Kamala e Amala, encontradas em 1920, vivendo com lobos e de Kaspar Hauser, encontrado em uma praça em Nuremberg, com 16 anos, em 1928.

A vontade de descobrir como os homens pré-históricos formaram as primeiras comunidades incentivou o escritor norte-americano Jack London (1876-1916), a fantasiar sobre o homem dessa época. Ele escreveu o livro: *Antes de Adão*. Uma das cenas importantes ocorre quando os integrantes de uma tribo entram em disputa com Olho-Vermelho, que tenta raptar Cantora, companheira de Capenga. Vamos observar como a linguagem se manifesta nessa briga.

[...] Olho-Vermelho urrou de raiva. Considerava uma ofensa que alguém da tribo ousasse enfrentá-lo. Estendeu a mão e agarrou o Capenga pelo pescoço. Este fincou os dentes no braço de Olho-Vermelho, mas, no instante seguinte, debatia-se e contorcia-se no chão com o pescoço quebrado. A Cantora gritava fazendo alarido. Olho-Vermelho pegou-a pelos cabelos e a arrastou para a sua caverna. Segurando-a grosseiramente ao subir, arrastou-a e empurrou-a para dentro da sua caverna. Estávamos furiosos, louca e vociferadamente furiosos. Batendo no peito, eriçando o pelo e arreganhando os dentes, nos unimos em nossa fúria. Fomos movidos pelo instinto gregário e unimo-nos para uma ação em conjunto, num impulso de cooperação. De uma maneira sutil essa necessidade de nos unirmos era uma imposição para nós. Mas não havia como alcançar este objetivo, pois não tínhamos como expressá-lo. Não nos unimos para destruir Olho-Vermelho porque nos faltava um vocabulário. Tínhamos pensamentos vagos para os quais não havia símbolos. Estes signos lingüísticos ainda estavam para ser lenta e penosamente inventados. Tentamos emitir sons que comunicassem os vagos pensamentos que passavam rapidamente como sombras por nossas consciências. O Pelado começou a rilhar os dentes bem alto. Com esses ruídos, expressava sua raiva contra Olho-Vermelho e o desejo de feri-lo. Foi isso que ele transmitiu e assim o entendemos. Mas, quando tentou transmitir o impulso de cooperação que se movia nele, os ruídos tornaram-se confusos (LONDON, 1999, pp. 131-2).

Na imaginação de London, faltavam palavras ao homem pré-histórico. É notável que as pessoas demonstrem suas emoções através dos movimentos do corpo. A voz também é importante nesse processo, pois é a partir da modulação que se percebe os sentimentos de quem fala. As personagens

conseguem fazer ruídos, gritos, movimentos corporais que demonstram raiva. No entanto, esses recursos eram fracos e acabaram prejudicando o grupo que não soube se defender e também a Cantor quem ficou à mercê de Olho-Vermelho. Quando o ser humano dominou a linguagem falada, passou séculos para inventar rabiscos que representassem essa linguagem.

Para Pauluk (2004), a arqueologia estabelece o surgimento dos primeiros indícios de utilização de um sistema linear de escrita em 3.500 a.C., na região da Mesopotâmia. Segundo Ong (1998), os desenhos mais antigos estampavam as paredes das cavernas desde 35 mil a.C.

Alguns sistemas de escrita, como a escrita pictográfica, utilizavam palavras que imitavam o desenho do objeto ou do pensamento que desejavam representar. Os textos escritos foram guardados em bibliotecas e hoje são acessados também pela internet. A linguagem usada na comunicação, que no começo só acontecia com o falante e o ouvinte, agora ocorre à distância, muitas vezes enviadas por meio do *e-mail* ou do *facebook*.

1.2– Quais as bases metodológicas dessa pesquisa?

Estar em contato cotidiano, comunicar com outros exige que dominemos a linguagem verbal. Mas também, o ser humano é sensível e gosta de criar. Sente uma necessidade de fantasiar, divertir, seduzir e comover. Nesses aspectos em que o objetivo é ampliar a comunicação, escolhem-se vocábulos para colocá-los nos textos.

Segundo Bordini; Aguiar (1988), a linguagem verbal, através do código escrito, no suporte livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo.

O leitor tenta entender o que o autor escreve. A consciência de que o homem precisa ultrapassar a linguagem utilitária está presente em diversos artistas, como exemplo, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. O autor não só informa sobre as mazelas da sociedade, mas traz tipos humanos com os quais o leitor

pode se identificar. Os vários sentidos que as pessoas criam, através da linguagem verbal, podem fazer parte de diferentes textos usados na sala de aula.

Entretanto, o fracasso do ensino de literatura nas escolas de Ensino Fundamental tem sido apontado em seminários, pesquisas, cursos e encontros pedagógicos. A causa desse problema está no fato de que o docente, muitas vezes, segue o livro didático, como as autoras explicam:

Os modos de atuação do professor revelados demonstram que, quanto ao material literário, sua tendência é adotar e recomendar o livro didático, usando livros de literatura esporadicamente como complemento ao livro-texto. Quando não o adota, em geral, o substitui por folhas avulsas que contêm fragmentos de textos acompanhados de exercícios (BORDINI; AGUIAR, 1988, pp.32-3).

Os professores se preocupam com o papel de formar o leitor crítico, mas não oferecem atividades que busquem a curiosidade dos alunos em ler os textos para descobrirem o que há nas histórias. O aluno precisa fantasiar, reescrever textos sobre a realidade onde vive, fazendo adaptações. Nesse ponto, os estudantes perdem o entusiasmo quando precisam ler somente por obrigação ao redigir dissertações ou fichamentos. Dessa forma, ocorrem repetições de atividades, ditas pelo livro didático. O método de exercícios é importante também, mas é necessário haver presença de outros métodos nas aulas de literatura.

Para Bordini; Aguiar (1988, p. 44), o método científico é característico das diversas áreas do conhecimento; é usado com frequência no ambiente escolar, na forma de experimentos.

A sala de aula fica como um lugar de comprovação e reflexão, em que os trabalhos buscam provar a teoria. Os alunos observam, pesquisam e desenvolvem projetos. A partir do lugar onde o estudante vive, assim como seus sonhos e realidades, a aula pode se transformar em desafio para a investigação de uma obra literária na própria vida do aluno.

2. O TEATRO COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO: AS VANTAGENS DO USO DESTA ABORDAGEM NA ESCOLA

O método criativo, assim como o científico, é um meio de apropriação e transformação da realidade, gerando prazer e conhecimento, de forma não exclusiva. Supõe uma relação do homem com o mundo, em que o alvo não é meramente o conhecimento do que existe, mas a exploração do existente para a produção de algo novo (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 62).

As autoras ainda enfatizam que a Arte e a Ciência unidas ajudam no processo de aprendizagem dos estudantes. Diferenciam-se pelo fato de que, no primeiro, o ato criativo se nota com mais evidência e, no segundo, há a dependência ao saber e/ou a utilidade (*idem*, p.62). Nesse sentido, notamos quando os nossos alunos leem um romance como *O Cortiço* e/ou *A Moreninha* e que eles, além de ler, são incentivados a descobrir mais, através de pesquisas sobre o contexto histórico, características dos movimentos literários, teorias que deram fundamento ideológico à Literatura, como, por exemplo, podemos citar o *Determinismo* de Hippolite Taine, presente na obra de Aluísio Azevedo.

Esta última, inclusive, foi a primeira característica observada pelo grupo do 9º Ano “A”, quando estudávamos os personagens Jerônimo e Pombinha (de *O Cortiço*). Com relação a *A Moreninha*, o grupo do 9º Ano “U”, percebeu de imediato a característica do *Heroísmo* em que o romance gira em torno da personagem romântica perfeita (Carolina) e seu herói (Augusto) que luta para ter o amor dela. Para esta feita – a de usar a contextualização sociohistórica da obra, além de seus componentes de enredo e de personagens – utilizamos o método científico. No entanto, no momento em que apresentamos as peças teatrais adaptadas dos romances citados, utilizamos o método criativo.

Para Cosson (2010, p. 55), todos nós estamos acostumados à presença da Literatura na escola. Por causa disso, precisamos reivindicar um espaço para a Literatura em sala de aula, como fazemos aqui. O autor diz que o primeiro espaço da Literatura na sala de aula é o lugar do texto literário. Tudo

se inicia com o imprescindível e motivado contato com a obra (2010, p.58). Este encontro com a obra pode ser de recusa (que devemos respeitar) ou de admiração (que devemos explorar em nossas aulas).

O método criativo apresenta a oportunidade de olhar para o aluno como indivíduo e ser social simultaneamente, sem deixar de considerar seus sentimentos nem sua capacidade de raciocínio lógico, pois

[...] proporciona o exercício da intuição como forma imediata de conhecimento do mundo, bem como as habilidades de analisar, comparar, combinar, classificar, ordenar e efetuar inferências e, principalmente, extrapolações, vinculando essas operações intelectuais à ação física e à prática social, nos produtos criados (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 71).

Na escola, um dos instrumentos dos métodos criativos que os alunos mais se interessam é o teatro. Este pode oferecer grandes oportunidades de aprendizagem. Um ponto importante é o uso da linguagem. A palavra possui força e influência nas diferentes interpretações. Quando ouvimos alguém falar, associamos com imagens. Numa apresentação de uma peça teatral, observamos a voz do/a ator/atriz, o modo de andar, de se vestir, de toda a ação, nos sentimentos expressos pelo locutor. É necessário que o ator e o público que o assiste possuam um elo forte, pois os dois têm de estar preparados para as informações. Damos como exemplo: o público que assiste *A Moreninha* só vai torcer pelos protagonistas se entenderem a história e se encontrarem nos personagens.

Vygotsky (2004) nos fala que a experiência do aluno é a base para o processo pedagógico. Acrescenta o autor que a Educação se faz a partir da experiência do estudante, “a qual é inteiramente determinada pelo meio e, nesse processo, o papel do mestre consiste em organizar e regular o meio (*idem*. p. 67). Nós, professores, necessitamos organizar as atividades que permitam a experiência direta dos alunos com a Literatura e ao mesmo tempo os incentivar a aprender.

O teatro é extremamente motivador para adolescentes, pois os atinge nos aspectos emocional, motor, cognitivo e social. Exige concentração,

percepção da memória, interpretação de textos, capacidade de jogar com palavras, como também de imaginar e criar.

O autor ainda fala que “do ponto de vista genético, imaginação na adolescência é a sucessora do brinquedo infantil” (VYGOTSKY, 1994, p. 275). E, ainda, que “no brinquedo a criança cria uma situação imaginária” (*idem.*, 1989, p. 107). Esse acontecimento torna-se perceptível nas peças teatrais com pré-adolescentes e adolescentes. Ocorre algo parecido ao jogo da imaginação, à brincadeira de faz de conta. O prazer dos jovens em relação à interpretação de personagens é como brincar, construir seu “eu”, expressar-se com seus sentimentos e usar a criatividade para mostrar o que aprendeu.

As implicações escolares-educacionais e pedagógicas do paradigma histórico-cultural do desenvolvimento humano, nas quais se insere a proposta de ensino do Teatro apresentada com o presente trabalho, assinalam a importância do que se pode fazer com ajuda de outros mais capazes e experientes e o que se faz sozinho, entregue à resolução solitária de problemas, ou ao isolamento cultural em determinado grupo social. A qualidade das interações intersubjetivas, culturalmente mediadas, interferem decisivamente no processo de constituição dos sujeitos (JAPIASSU, 1998, p. 9).

Dessa forma, os adolescentes necessitam do convívio em grupo para demonstrarem seus mundos internos e os comparar aos pensamentos dos outros. Para Tiba (2005), um pensamento pode criar uma ação, assim também pode gerar um pensamento. “Um pensamento, uma fantasia, um sonho, um devaneio podem gerar uma sensação física, um sentimento, uma emoção e vice-versa (p. 66). Essa interação necessária propicia o desenvolvimento afetivo do adolescente.

O teatro é uma atividade coletiva, que implica respeito às regras, inclusive o respeito ao outro componente, expressão de opiniões, divisão de tarefas e a tomada de decisão em conjunto. Assim, de acordo com Courtney (1990), representar um personagem é imaginar como aquele personagem viveu, é criar possibilidades de trabalhar com o diferente, é aprender a respeitar a diversidade, o diferente; é poder perceber a sua personalidade e a do outro como sujeitos no mundo, como agentes transformadores da sociedade.

Uma sala de aula em que se adote o método criativo é um atelier de efervescência e trabalho, em que necessidades pessoais e coletivas estão emergindo e buscando formas concretas de satisfação. A idéia de projeto criativo acarreta, para a ação educacional, a tarefa de incitar a transformação, de modo que o aluno se veja sempre solicitado a postar-se criticamente ante à realidade e a movimentar recursos próprios e alheios para ajustá-la a si e à sociedade que ele sonha (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 71).

Na adaptação de um romance para uma peça teatral, o aluno imagina situações, personagens, lugares, tempos, reproduzem a criação da fala, movendo-se no ambiente, interpretando e se sentindo como a outra pessoa (personagem). Por isso, a importância do deixar que os estudantes criem, imaginem o que leem. Dessa maneira permitimos que sejam leitores autônomos. É deixar que a relação professor/aluno evolua para uma parceria no processo de ensino/aprendizagem.

3. RELATO DESCRITIVO E ANALÍTICO DA EXPERIÊNCIA

Ensinar Literatura a alunos de Ensino Fundamental é muito difícil, pois eles ainda estão em processo de formação como leitores, segundo Betto (2008). Nossa educação é falha na formação do humano. Como formar o humano? Ela é muito fraca porque não foca em questões fundamentais.

O trabalho de Literatura é extremamente importante para a formação do ser humano, na medida em que oferece ao homem mais oportunidades de levá-lo a uma compreensão profunda do mundo que o cerca; além de obter conhecimentos, unidos a emoções e diversões que a arte literária ajuda a desenvolver. De acordo com Maia (2007, p. 47):

A história mostra que, desde as suas origens, a literatura para crianças e jovens teve um papel equivocado, por servir à pedagogia escolar, no tocante a burilar e fazer cintilar, nas dobras da persuasão retórica e no cristal das sonoridades poéticas, as lições de moral e bons costumes que, pelas mãos de Perrault, formassem as crianças do mundo moderno.

Antes de ser professora, no ano de 2006, vivi uma experiência maravilhosa. Era aluna do 2º Ano do Ensino Médio e meu professor percebeu que a maioria da turma estava com notas baixas, resolveu avaliar de uma maneira criativa. Ele utilizou o teatro. Pediu que a turma se dividisse em grupos de cinco componentes: pediu que criássemos o julgamento do romance realista *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; uma entrevista baseada no romance romântico *Senhora*, de José de Alencar; uma conversa com os personagens do romance romântico *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo; um desfile com os personagens de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo; e uma peça livre sobre *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

A turma toda se mobilizou. Alunos que já não acreditavam ser aprovados no ano letivo, conseguiram, com as notas das peças teatrais. No meu grupo, cada um tinha um talento. Eu e outra aluna criamos a adaptação da peça: eu dirigia e falava como poderia ser montada as roupas das personagens; uma aluna costurava; outra montava o cenário; outros pediam emprestadas as roupas que faltavam. Cada um tinha ideias. Os ensaios eram de aprendizado. Nosso professor marcava o dia da apresentação e toda a turma ficava agitada. Todos os grupos guardavam seus segredos até o tão esperado dia.

Lajolo (1991, p. 108) enfatiza que um “professor precisa gostar de ler, necessita ler bastante e envolver-se com o que lê”, ou seja, a ter familiaridade com o texto, o amadurecimento como leitor, as experiências construídas, ajudam como elementos mediadores da relação de diálogo entre leitor e texto. Quando o professor falava sobre os livros que lia, sentíamos curiosidade de também ler o texto falado. Estávamos para nos apresentar sobre o romance romântico *Senhora*. Quem mais lia tinha mais chances de se apresentar na semana cultural da escola.

Naquele ano, decidi ser professora. Prometi a mim mesma que faria o melhor para ajudar aos meus alunos a compreender a Literatura e a se formarem como leitores autônomos. Tive a oportunidade de ensinar alunos do Ensino Fundamental, no ano de 2012. Ensinei Língua Portuguesa às turmas de

9º Ano “A”, da Escola Estadual Professor Joaquim Torres; e 9º Ano “U”, da Escola Municipal Estudante Maria Auxiliadora, de Serra de São Bento/RN.

No início do ano letivo, na turma “A”, composta por 25 alunos, com faixa etária entre 13 e 17 anos, substituí o professor (o mesmo que tinha me ensinado na 6º série do Ensino Fundamental ao 3º Ano do Ensino Médio) que foi transferido para outra escola. No primeiro dia de aula, os estudantes não queriam que os ensinasse. Com o tempo, percebi que eles possuíam muitos problemas. A maioria era rebelde, quebrava lâmpadas da escola e riscava as paredes. Nos horários vagos faziam muito barulho nos corredores, alguns gazeavam aulas de todos os professores. Dois estudantes falavam que estudar não daria resultado algum. Preferiam esperar completar dezoito anos para irem trabalhar no Rio de Janeiro.

Percebi que precisava mudar a vida daqueles estudantes de alguma forma. Começamos a ler poemas, contos, crônicas, peças teatrais e romances. Houve uma aula em que dois alunos leram a crônica *Lixo*, de Luís Fernando Veríssimo. A turma parou para escutar. Era como se eles estivessem encenando papéis. Percebi primeiro, através da prática, o quanto que o teatro é importante na vida dos alunos. Parei para estudar textos que chamassem a atenção deles.

Aos poucos, criava momentos de conversa nas nossas aulas. Perguntava o que pensavam sobre as histórias que líamos. No mês de agosto de 2012, apresentei o contexto histórico do final do século XIX, focando no fim da escravidão dos negros e na formação dos cortiços. Fomos à biblioteca da escola. Falei para eles sobre o Romance Naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Começamos a leitura do primeiro capítulo. Perguntei se eles conheciam pessoas parecidas com aquelas personagens. Comparamos sobre a realidade do romance e a de hoje, ou seja, o cortiço naquela época e as comunidades atualmente. Discutimos sobre os preconceitos existentes contra as pessoas que moram em comunidades, como: Rocinha e Morro de Santa Marta. Dei a sugestão de lermos o romance e fazermos a adaptação para peça teatral. Todos ficaram entusiasmados.

Segundo Solé (1998), um fator que ajuda e contribui para o interesse da leitura de um determinado material consiste em que este possa oferecer ao aluno certos desafios (p. 91). Interessante trabalhar textos não conhecidos, sendo que a temática deve ser familiar aos leitores. Trata-se de valorizar o conhecimento prévio dos estudantes com relação ao estudo do texto e ajudá-los a construir o significado.

Notei que os alunos que gazeavam as minhas aulas passaram a não faltar mais. Não só nos encontrávamos no horário das aulas, pois pediam para me ver nos momentos do intervalo, em meus horários vagos e nos finais de semana. Eram momentos de descobertas. Fizemos a escolha dos personagens para cada componente do grupo. Eles opinavam quem poderia fazer aquele personagem, pelas características físicas e psicológicas. Tínhamos cinco aulas, sendo duas destinadas à leitura e interpretação dos capítulos do livro.

Em alguns momentos, a leitura era feita na biblioteca, no pátio escolar ou na praça da cidade. Víamos uma cena do filme (na sala de aula), de acordo com o que líamos. Fizemos as adaptações do texto nos momentos extras. Os ensaios eram destinados para o estudo dos personagens. Estudávamos categorias de teatro no que tange à construção do ator, tais como: comportamentos, modo de andar, de se vestir, falar, sorrir. Aos poucos descobriam que eram parecidos com aquelas pessoas. Passaram a falar sobre “O Cortiço” como algo familiar. Nossa alegria crescia com a nossa evolução. Sentíamos-nos felizes até mesmo com a nossa aproximação, a relação professora/alunos. O método criativo do teatro no ensino de Literatura nos aproximou.

Já na turma do 9º Ano “U”, da Escola Municipal Estudante Maria Auxiliadora, composta por 16 alunos, com faixa etária entre 13 e 20 anos, comecei a lecionar no início do ano letivo de 2012. Os alunos eram muito tímidos e se recusavam a apresentar opiniões sobre temáticas. No início de nossas aulas, eu tentava conversar sobre os textos que lia. Pesquisei sobre a turma e descobri que alguns eram repetentes. A escola já considerava a turma sem muitas expectativas. Diziam que “eram muito parados”. Aos poucos, nas

nossas aulas de Língua Portuguesa, começaram a aceitar os métodos criativos de encenação de textos, interpretação de músicas, cenas de filmes e passamos a ler histórias em quadrinhos, romances, crônicas, contos e poemas. Fazíamos saraus, alguns cantavam, outros declamavam poemas. No início, alguns ainda se recusavam, porém eu enfatizava muito que seríamos como uma família. Percebi que passaram a se respeitar mais. Sentiam medo de se apresentar para a escola.

Toda semana, iniciava a aula com um texto de incentivo. Depois agia como professora/atriz. Escolhia um conto, uma crônica junto com eles e encenava, objetivando a que se adaptassem aos poucos. As mudanças vieram. Passaram a sugerir textos. Cada semana era um autor diferente. Machado de Assis, Luís Fernando Veríssimo, Castro Alves. A cada três aulas, víamos um gênero literário novo. Passamos um mês com o gênero Romance.

Quando estudamos o tempo histórico do segundo Reinado no Brasil e a questão dos costumes da elite brasileira da época, reproduzimos cenas dos Romances que líamos. Um deles foi *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo. Fizemos o estudo histórico da época. Lemos os capítulos a cada duas aulas e vimos cenas do filme, de acordo com a evolução da leitura. Estudamos sobre os personagens. Pesquisamos vídeos, filmes e músicas que falavam sobre a época. Ensaíamos nos horários vagos, aos sábados e domingos. Vivemos um pouco do século dos rapazes que cortejavam mais de uma moça ao mesmo tempo, que estudavam Medicina no Rio de Janeiro, as moças que sonhavam em se casar por amor.

Eu e as duas turmas nos encontrávamos todos os dias. Notei uma diferença que me impressionou. Passaram a conviver melhor juntos. Já se viam nas aulas do cursinho preparatório do Projeto Aprender Compartilhando (voluntário) para o Exame Preparatório para o ProITEC (Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania), do IFRN. No entanto, estudavam em salas separadas e ainda resistiam a se conhecerem. Nos ensaios passaram a respeitar uns aos outros. As duas turmas cresceram. Seus componentes aprenderam uns com os outros. Neste sentido, Freire (1996, p.41) afirma que

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor e professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto.

No mês de novembro, aconteceu a Semana Cultural da Escola Estadual Professor Joaquim Torres. As duas turmas estavam ansiosas, sentiam medo e expectativa. No dia 22 de novembro de 2012 se apresentaram. Primeiro foi a turma “A” da peça teatral – houve o desfile- adaptação do Romance Naturalista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Um dos alunos ficou muito nervoso no momento da apresentação e sentiu dificuldades para expressar a fala do personagem. Os outros componentes do grupo o apoiaram e ele conseguiu se apresentar.

A turma “U” apresentou-se com a peça teatral adaptada do Romance Romântico *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo. Percebi o quanto que ainda estavam nervosos, mas lutavam para enfrentar aquele medo. Parabenizei-os pela coragem, pela força, comprometimento em estudar e em se doar na tarefa de aprender. Senti que eles precisavam receber elogios, sentirem-se importantes.

Eu e meus amigos da turma de Letras 2009.2, do Centro de Humanidades da UEPB, estávamos sendo incentivados pela Professora Monaliza Rios a ministrar a oficina: *Desbravando a Literatura através da Leitura*, no II Seminário de Letras do Campus III da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Como o foco da oficina era como ensinar literatura a alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, perguntei à Monaliza se os estudantes poderiam se apresentar na oficina, ao que ela aceitou.

No dia 30 de novembro, já na viagem, eu notava a alegria deles. Não sentiam o medo de antes; naquele momento só havia a expectativa. Enquanto nós, alunos da turma de Letras apresentávamos a oficina, eles se vestiam, maquiavam-se e ensaiavam. Enquanto se apresentavam e recebiam palmas e elogios, era notável o orgulho que sentiam de si mesmos e eu tinha a sensação

de dever cumprido. De volta para a nossa cidade, falavam em serem atores/atrizes, fazíamos novos planos para as nossas aulas.

Terminamos o ano letivo, no dia 14 de dezembro de 2012, com a aula da saudade. Os alunos da turma “A” ficaram emocionados ao mencionar a experiência que vivemos. Percebi que alguns choravam quando falei sobre o início do ano e a nossa história até aquele dia. A turma “U” também mudou muito. Sentiam vontade de ler e participar mais das aulas, pois estavam motivados.

Hoje, eles estão no 1º Ano, do Ensino Médio. Não sou a professora deles. No entanto, quando vou à Escola Estadual Professor Joaquim Torres, e os vejo, eles me recebem com a mesma felicidade daquele tempo. Alguns estudam no Instituto Tecnológico Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, campus de Nova Cruz; dois estudam na Escola para Técnicos na UFPB, situada em Bananeiras. Sinto muito orgulho de todos eles.

Para Bragatto Filho (1995), é imprescindível que apostemos no estatuto do “Professor Leitor” porque este terá mais condições de ajudar aos seus alunos a desenvolverem o prazer pela leitura do que aquele que não lê ou dá pouca importância às aulas de Literatura. O autor defende esse estatuto porque o professor deve conhecer a essência do texto literário, bem como o seu contexto de polissemia. É necessário que a relação estabelecida entre o aluno/leitor/livro seja de liberdade, no sentido de deixar a comparação de opiniões e de permitir que os alunos falem com propriedade, de forma que tenha uma convivência afetiva e efetiva com a obra.

É importante levar em consideração que o objetivo principal desse projeto foi tornar esses alunos leitores autônomos. Desta feita é possível pensarmos que, se algum dia surgir uma nova adaptação dos romances para a televisão ou para o cinema, os alunos sintam vontade de pegar o livro e lê-lo; ou se alguém perguntar sobre qual personagem eles consideram mais importante para a narrativa, eles responderem que todos os personagens contribuem para o enredo. Ou, ainda, se perguntarem o que pensam sobre o

Jerônimo que trocou a esposa, a Piedade, por Rita Baiana, que falem com autonomia sobre as personagens e as obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro, como instrumento para o método criativo no Ensino de Literatura, proporciona oportunidades de trabalharmos com os nossos alunos a interação social, a autonomia, o cognitivo, entre outros. O momento literário deve ser um contato generoso com o livro. Permitir que os alunos saiam das carteiras escolares, até mesmo das salas de aulas e fiquem à vontade. A aula pode ser vista como um momento prazeroso de leitura, de interpretação, de atuação e interação. Importante ressaltar que devemos criar momentos para escutar as opiniões dos nossos alunos.

No ano letivo de 2012, ao viver a experiência que relatei, os alunos da turma “A” nos momentos em que começamos a nos aproximar dos ensaios, perguntavam-me o motivo da escolha de ser professora, pois viam que os docentes sofriam muito com a rebeldia do alunado. Falei que, nós professores, possuímos um papel muito importante para a Educação, porque temos o objetivo de modificar as nossas vidas a partir das transformações que ajudamos a fazer com os nossos alunos. Até acontecer uma parceria entre aluno e professor.

Nesse tempo, estava aprendendo muito. Eles não sabiam, mas já os admirava. Não conseguia passar meus sentimentos para eles. Estava descobrindo a história de cada um deles. Uma amiga minha já tinha lecionado nessa turma no ano anterior e ela me falava sobre eles. Nos momentos mais difíceis em que eu presenciava rebeldia, brigas, falta de atenção nas aulas (no mês de abril do ano de 2012) falava a ela sobre minha tristeza em não conseguir dar aula como planejava. Ela já tinha passado também por situações difíceis.

Quando via seis alunos fora da sala de aula, enquanto os outros alunos da turma estudavam, sentia-me triste e impotente. Até que comecei a estudar formas de trazê-los para as aulas de Língua Portuguesa. Nos ensaios das peças citadas, ocorriam momentos de descontração. Naquele dia 30 de novembro de 2012 que vínhamos da UEPB, alguns diziam que seus sonhos seriam de serem atores e atrizes, sentia-me imensamente feliz com a alegria deles. Nas aulas da saudade em ambas as turmas, o que me deixava sem palavras, era quando eles diziam que queriam muito que eu continuasse sendo a professora de Língua Portuguesa deles, principalmente que continuássemos estudando livros, adaptando-os para o teatro e apresentando as peças teatrais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor; alternativas metodológicas.** Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- ALENCAR, José de. **Senhora.** In ALENCAR, José de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.
- ASSIS, Machado. **Dom Casmurro.** São Paulo: Klick, 1998.
- AZEVEDO, Aluísio de. **O Cortiço.** 3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau.** São Paulo: Ática, 1995.
- BRASIL/MEC. **Literatura: Ensino Fundamental/ coordenação,** Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- COSSON, Rildo. O espaço da literatura na sala de aula. In: **Literatura: Ensino fundamental.** Coordenação: Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Básica, 2010.
- COURTNEY, R. **Drama and intelligence: a cognitive theory.** Montreal: McGill-Queen's University Press, 1990.
- DE MASI, Domenico, BETTO, Frei, BOLOGNA, José Ernesto. **Diálogos criativos.** Rio de Janeiro: Sextante, 2008
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** 34 ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

JAPIASSU, R. O. V. **Jogos Teatrais na Escola Pública**. Ver. Fac. Educ. São Paulo, v. 24, n. 2 jul. 1998. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01022555199800020005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 de novembro de 2012.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. 5. Ed. São Paulo, Ática, 1991.

LONDON, Jack. **Antes de Adão**. Trad. Maria Inês Arieira e Luís Fernando Brandão. Porto Alegre: L&PM, 1999.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MATTA, Sozângela Schemim da. **Português: Linguagem e interação**. Curitiba: Bolsa Nacional Ltda. 2009.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. 16° Ed. São Paulo: Ática, 1996.

ONG, W. J. Oralidade e cultura escrita a tecnologização da palavra. Campinas: Papyrus, 1998. [Original inglês: 1982]

OSAKABE, Haquira. Linguagem e educação. MARTINS, Maria Helena (org.) **Questões de linguagem**- 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

PAULUK, Marcel. **Um novo olhar sobre a escrita**: A contribuição das ciências cognitivas e da semiótica para o desenvolvimento de uma ciência da escrita. Ver Ciências e cognição; Vol. 2: 02 - 10 <<http://www.cienciasecognicao.org/>> Submetido 02 de Maio de 2004| Aceito em 30 de Maio de 2004 | ISSN 1806-5821 - Publicado *on line* 31 de Julho de 2004. Acesso em: 18 de agosto de 2013.

SILVA, Maria Alice Setubal Souza e. **Construindo a leitura e a escrita**: reflexões sobre uma prática alternativa em alfabetização. 6. ed. São Paulo, Ática, 1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling- 6. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

TIBA, Içami. **Adolescentes: Quem ama educa!** São Paulo: Integrare Editora, 2005.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Lixo. In: **Comédias da vida privada**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.